

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**VINCULAÇÃO E STRESS PARENTAL NA ADOÇÃO:  
PERSPETIVAS MATERNA E PATERNA**

**Márcia Alexandra Amado Amador**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)**

**2016**

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**VINCULAÇÃO E STRESS PARENTAL NA ADOÇÃO:  
PERSPETIVAS MATERNA E PATERNA**

**Márcia Alexandra Amado Amador**

**Dissertação orientada pela Prof. Doutora Salomé Vieira Santos**

**MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA**

**(Secção de Psicologia Clínica e da saúde / Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica)**

**2016**

## **Agradecimentos**

A realização desta Dissertação de Mestrado simboliza uma etapa muito importante da minha vida acadêmica que não teria sido possível sem o apoio de algumas pessoas a quem profundamente agradeço de seguida:

A Prof. Doutora Salomé Vieira Santos, por todo o apoio, disponibilidade, prontidão e eficiência demonstrados durante todo este ano, que permitiu a realização deste estudo.

A Dra. Marta Santos Nunes, pela sua tão importante colaboração, gentileza e disponibilidade, sem as quais não teria sido possível debruçar-me sobre este tema.

A minha família que nunca me negou qualquer tipo de ajuda e que sempre se mostrou incansável e disponível durante todo o meu percurso académico. Sem vocês nada teria sido possível.

Aos meus amigos por me ajudarem com tudo o que pedi, por se interessarem sempre, por me fazerem descontraír, quando tanto precisava, e por me darem força nos momentos mais tensos.

Ao Tito Grilo por todo o carinho demonstrado e dedicação e por estar sempre presente nos melhores e nos piores momentos, ouvindo todos os meus desabafos e vitórias, sempre com a palavra certa a dizer.

Obrigada a todos!

Márcia Amador

## **Resumo**

O presente estudo foca a percepção da vinculação da criança e o stress parental na adoção, considerando as perspectivas paterna e materna, e integra, como grupo de comparação, pais e mães biológicos. Tem como objetivos: (1) analisar a percepção da vinculação da criança e o stress parental em função do grupo (Adoção/Biológico) e da figura parental (Pai/Mãe), (2) analisar a relação entre as duas dimensões, e (3) explorar a sua relação com variáveis da adoção. Participaram no estudo 200 indivíduos, 103 no Grupo Adoção (40 pais e 63 mães) e 97 no Grupo Biológico (34 pais e 63 mães), tendo as crianças-alvo, em ambos os grupos, idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos. Utilizaram-se dois instrumentos: O Inventário da Vinculação para a Infância e a Adolescência (IVIA) e a versão reduzida do Índice de Stress Parental (ISP-VR); utilizou-se, também, um Questionário para recolha de informação sociodemográfica e referente à adoção. Os resultados indicaram que o grupo Adoção, comparativamente com o Biológico, refere níveis mais elevados de vinculação Ansiosa-Ambivalente e de vinculação Evitante, e mais stress parental associado com características da criança (Criança Difícil) e da interação (Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança). Não se obtiveram diferenças entre mães e pais para qualquer das dimensões. A vinculação segura associou-se com níveis mais baixos de stress parental enquanto a vinculação insegura (Ansiosa-Ambivalente e Evitante) se associou com níveis mais elevados. Face às variáveis da adoção, sobressaiu que a criança ser mais velha aquando da chegada à família tende a associar-se com níveis mais baixos de vinculação segura e mais altos de stress parental (subescala Interação Disfuncional). Adicionalmente, o recurso a apoio técnico relacionou-se com níveis mais altos de vinculação insegura e de stress parental (subescalas Criança Difícil e Interação Disfuncional).

Palavras-chave: vinculação; stress parental; mães; pais; adoção

## **Abstract**

The present study focuses on the parental perception of child attachment and parenting stress on adoption, taking both paternal and maternal perspectives into consideration, and includes biological parents as a comparison group. It aims: (1) to analyze the perception of child attachment and parenting stress according to group (Adoptive/Biological) and parent (Father/Mother), (2) to analyze the relationship between these two dimensions, and (3) to explore their relationship with some adoption variables. There were 200 participants in the study, 103 in the Adoptive group (40 fathers and 63 mothers) and 97 in the Biological group (34 fathers and 63 mothers). The target-children were, in both groups, between 6 and 12 years of age. Two instruments were used: the Inventory of Attachment in Childhood and Adolescence and the Portuguese version of Parenting Stress Index - Short-Form. A questionnaire to collect sociodemographic and adoption-related information was also used. Results showed that the Adoptive Group, in comparison with the Biological, referred to higher levels of both Anxious-Ambivalent and Avoidant child attachment as well as more parenting stress associated with the child's characteristics (Difficult Child) and interaction (Dysfunctional Mother/Father – Child Interaction). No differences between mothers and fathers were found in either of the dimensions. Secure attachment was associated with lower levels of parenting stress while insecure attachment (Anxious-Ambivalent and Avoidant) was associated with higher levels. In terms of adoption-related variables, the child being older upon arrival at the adoptive family tended to be associated with lower secure attachment levels and higher levels of parenting stress (Dysfunctional Interaction subscale). Additionally, seeking out technical support was related to higher levels of both insecure attachment and parenting stress (Difficult Child and Dysfunctional Interaction subscales).

**Keywords:** attachment; parenting stress; mothers; fathers; adoption

## Índice

Nota Introdutória.....	10
1.Introdução.....	12
1.1 Processo de Adoção em Portugal.....	12
1.2 Aspetos Psicológicos da Adoção.....	13
1.3 Vinculação na Adoção.....	17
1.4 Stress Parental na Adoção.....	20
1.5 Estilo de Vinculação da Criança e Stress Parental .....	22
2. Objetivos e Hipóteses.....	23
3. Método.....	24
3.1 Participantes.....	24
3.1.1 Caracterização do Grupo Adoção.....	24
3.1.1.1 Pais e Mães.....	24
3.1.1.2 Crianças.....	26
3.1.2 Caracterização do Grupo Biológico.....	26
3.1.2.1 Pais e Mães.....	26
3.1.2.2 Crianças.....	28
3.1.3 Comparação dos Grupos Adoção e Biológico.....	28
3.2 Instrumentos.....	29
3.2.1 Inventário sobre a Vinculação para a Infância e Adolescência (IVIA).....	29
3.2.2 Índice de Stress Parental – Versão Reduzida (ISP-VR).....	30
3.2.3 Questionário Sociodemográfico.....	30
3.3 Procedimento.....	31
3.4 Procedimento Estatístico.....	31
4. Resultados.....	33

4.1 Análise da Percepção da Vinculação da Criança e do Stress Parental em Função do Grupo e da Figura Parental.....	33
4.1.1 Percepção da Vinculação da Criança.....	33
4.1.2 Stress Parental.....	36
4.2 Correlação da Percepção da Vinculação da Criança com o Stress Parental.....	39
4.3 Correlação da Percepção da Vinculação da Criança e do Stress Parental com Variáveis da Adoção.....	40
4.3.1 Percepção da Vinculação da Criança.....	40
4.3.2 Stress Parental.....	41
5. Discussão.....	42
5.1 Percepção da Vinculação da Criança e do Stress Parental em Função da Parentalidade Adotiva/Biológica e de se Ser Pai/Mãe.....	42
5.2 Relação entre a Percepção da Vinculação da Criança e o Stress Parental.....	43
5.3 Relação da Percepção da Vinculação da Criança e do Stress Parental com Variáveis da Adoção.....	44
6. Conclusão.....	46
Referências .....	48

## Índice de Quadros

<b>Quadro 1.</b> Nível de Escolaridade – Grupo Adoção (Total, Pais e Mães): Frequências e Percentagens (%).....	25
<b>Quadro 2.</b> Nível Socioeconómico – Grupo Adoção (Total, Pais e Mães): Frequências e Percentagens (%).....	25
<b>Quadro 3.</b> Nível de Escolaridade – Grupo Biológico (Total, Pais e Mães): Frequências e Percentagens (%).....	27
<b>Quadro 4.</b> Nível Socioeconómico - Grupo Biológico (Total, Pais e Mães): Frequências e Percentagens (%).....	28
<b>Quadro 5.</b> Vinculação Segura em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA.....	33
<b>Quadro 6.</b> Vinculação Segura em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão.....	34
<b>Quadro 7.</b> Vinculação Ansiosa/Ambivalente em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA.....	34
<b>Quadro 8.</b> Vinculação Ansiosa/Ambivalente em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão.....	35
<b>Quadro 9.</b> Vinculação Evitante em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA.....	35
<b>Quadro 10.</b> Vinculação Evitante em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão.....	36
<b>Quadro 11.</b> Dificuldade Parental (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA.....	36
<b>Quadro 12.</b> Dificuldade Parental (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão.....	37
<b>Quadro 13.</b> Interação Disfuncional (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA.....	37
<b>Quadro 14.</b> Interação Disfuncional (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão.....	38

<b>Quadro 15.</b> Criança Difícil (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA.....	38
<b>Quadro 16.</b> Criança Difícil (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão.....	39
<b>Quadro 17.</b> Relação entre Vinculação e Stress Parental – Coeficiente de Correlação de Pearson.....	39
<b>Quadro 18.</b> Relação entre a Vinculação da Criança e as Variáveis da Adoção – Coeficiente de Correlação de Pearson.....	40
<b>Quadro 19.</b> Relação entre o Stress Parental e as Variáveis da Adoção – Coeficiente de Correlação de Pearson.....	41

## **Nota Introdutória**

O presente estudo analisa a percepção da vinculação da criança e o stress parental no contexto da adoção, considerando as perspetivas materna e paterna.

A parentalidade adotiva tem sido um tema muito investigado, em especial no que respeita às diferenças e semelhanças com a parentalidade biológica. Apesar de os pais adotivos e biológicos serem confrontados com desafios semelhantes, os primeiros experimentam, no entanto, desafios e exigências específicos (e.g., Ferreira, Pires, & Salvaterra, 2004; McGinn, 2007). Tudo começa pelo tão comum desejo de ter um filho, que, para a maioria dos pais adotivos, não foi possível concretizar, nem pela via natural, nem pela via clínica. A impossibilidade de ter um filho biológico é algo muito doloroso para ambos os elementos do casal e acarreta um processo de luto e a sua elaboração (Alarcão, 2002; Salvaterra, 2004; Sanchez, 2003). Após a decisão de adotar, os candidatos passam por um minucioso processo, que inclui formações e entrevistas de avaliação, as quais irão conduzir à aceitação da candidatura (quando a avaliação é favorável) e possibilitar que os candidatos façam parte da lista de espera (Salvaterra & Veríssimo, 2008), que é hoje nacional. Passada esta fase, segue-se um tempo “indeterminado” de espera (Brodzinsky, Smith, & Brodzinsky, 1998). Contudo, os desafios não terminam quando o casal consegue, finalmente, adotar uma criança. Novas tarefas específicas da adoção vão surgindo, como a formação de um sentido de pertença (Salvaterra & Veríssimo, 2008) ou a revelação à criança de que é adotada (Brodzinsky et al., 1998; Palacios, 1998), podendo ter tradução ao longo do ciclo de vida da família adotiva.

Ao contrário do/a filho/a biológico/a, o/a filho/a adotivo/a carrega uma história prévia à adoção que pode ser mais ou menos longa, consoante a idade da criança. Essa história é, muitas vezes, marcada por mau trato, negligência, ou mesmo abuso sexual (Lancaster, 2009; Schofield & Beek, 2006), por parte dos pais biológicos, e pela vivência em instituição, que nem sempre satisfaz as necessidades psicológicas da criança em desenvolvimento (Román & Palacios, 2011). Todas estas experiências, assim como as mudanças de instituição, podem levar ao estabelecimento de um estilo de vinculação inseguro (Román & Palacios, 2011), que irá dificultar a relação mãe/pai -criança na família de adoção (Sánchez, 2003; Schofield & Beek, 2006). A vinculação na adoção constitui, pois, um tema essencial e que tem sido alvo de uma atenção especial por parte dos investigadores (Román & Palacios, 2011).

Ao longo do ciclo de vida da família, pais e mães vão experimentando stress no desempenho do seu papel parental. Este stress dificulta o exercício da parentalidade e afeta de forma negativa a relação mãe/pai - criança (e.g., Abidin, 1990, 1995; Crnic & Low, 2002). Uma vez que, como foi referido, a parentalidade adotiva tem associados desafios específicos, que acrescem aos da parentalidade biológica, considera-se pertinente o estudo do stress parental nesta população, mais ainda porque se carece de investigação neste domínio, explorando-se neste estudo também as diferenças entre pais e mães. Refira-se ainda que, no âmbito da adoção, não tem sido valorizada a relação entre a vinculação e o stress parental, a qual será também explorada neste estudo, esperando-se que ele possa dar um contributo para o entendimento desta relação.

Nesta sequência, os principais objetivos deste estudo são os seguintes: analisar a perceção da vinculação da criança e o stress parental em função da parentalidade adotiva *versus* biológica, considerando também as diferenças entre mães e pais; explorar a relação entre a perceção da vinculação da criança e o stress parental na parentalidade adotiva, bem como a associação de ambas as dimensões com variáveis da adoção.

Este trabalho está dividido em 6 pontos. No primeiro ponto apresenta-se uma revisão de literatura (teórica e empírica) sobre o tema, bem como uma descrição sucinta do processo de adoção em Portugal. No segundo ponto são expostos os objetivos desta investigação e as respetivas hipóteses. Segue-se a apresentação do método, no terceiro ponto, onde se começa por caracterizar os dois grupos de participantes, considerando variáveis sociodemográficas específicas, e variáveis da adoção no caso particular do grupo respetivo. Em seguida são abordados os instrumentos utilizados no estudo e, por fim, é exposto o procedimento utilizado para a recolha de dados e descritos os procedimentos para o tratamento estatístico dos mesmos. No quarto ponto são apresentados os resultados do estudo, os quais são discutidos no quinto ponto. Por fim, no sexto ponto são destacadas as principais conclusões do estudo, e indicadas limitações e pistas para investigações futuras.

## 1. Introdução

### 1.1 Processo de Adoção em Portugal

Uma família é adotiva quando os filhos não partilham os mesmos laços de sangue que os pais, apesar de estarem ligados de uma forma legal e emocional (Alarcão, 2002). De facto, a adoção corresponde ao vínculo que se estabelece legalmente entre duas pessoas, à semelhança da filiação natural, mas independentemente dos laços de sangue (Código Civil, artº 1586).

As razões que levam a que uma criança seja entregue aos cuidados de outras pessoas que não os seus pais biológicos (casal, pessoa singular ou instituição), são as seguintes: abandono da criança; os pais biológicos constituírem perigo para a criança em termos de saúde, segurança, educação, formação ou desenvolvimento; haver o falecimento dos pais biológicos ou estes serem “pais incógnitos”; os pais darem o consentimento para a adoção; os pais manifestarem desinteresse pela manutenção e continuidade do vínculo, após a entrega da criança a uma instituição ou pessoa particular (Decreto-Lei 31/2003<sup>1</sup>). Pode ser adotada (adoção plena) uma criança com idade inferior a 15 anos no momento em que é requerida a adoção, ou com idade inferior a 18 anos, caso tenha sido confiada ao(s) adotante(s) com menos de 15 anos de idade.

A adoção visa sempre a defesa do superior interesse da criança (Decreto-Lei 31/2003<sup>1</sup>), pelo que numa adoção bem-sucedida a família adotiva deverá assegurar a satisfação das necessidades da criança ao nível afetivo, de saúde e educação, propiciando, assim, um ambiente favorável a um desenvolvimento saudável (Salvaterra & Veríssimo, 2008).

No que respeita ao processo de adoção, da página *on-line* do Instituto de Segurança Social (Instituto de Segurança Social [ISS], s.d.) constam os procedimentos inerentes a este processo, que se descrevem de forma breve a seguir. O casal que decide adotar deverá dirigir-se ao serviço de adoção da sua área de residência, e comparecer posteriormente a uma sessão de formação que informa acerca da adoção (objetivos, requisitos e condições para poder adotar) e do processo de adoção propriamente dito, devendo entregar depois a candidatura. Seguidamente, o casal será alvo de avaliações

---

<sup>1</sup> Ver Diário da República I- Série A, Decreto-lei 31/2003 de 22 de Agosto.

sociais e psicológicas, o que durará, aproximadamente, seis meses. Simultaneamente, irá decorrer uma segunda sessão de formação, cujo objetivo é comparar as características da criança referidas pelos candidatos à realidade das crianças que se encontram disponíveis para adotar. Após estes seis meses, os candidatos são informados da aprovação ou rejeição da sua candidatura. Em caso de aprovação, o casal, ou candidato/a singular, é transferido/a para uma lista de candidatos à adoção, a nível nacional, e a equipa técnica de adoção irá fazer coincidir as características das crianças em situação de adoção com aquelas que foram indicadas na candidatura. Uma vez realizada esta etapa, é feita uma proposta de adoção que será aceite, ou não, pelo casal. Em caso de aceitação, é iniciado um período em que é apresentada a criança ao casal, e vice-versa, com a supervisão dos técnicos, que decidirão se existe ou não uma aceitação mútua. Se esta existir, a criança vai para casa do casal, iniciando-se o chamado período de pré-adoção que tem a duração de seis meses. Ao fim deste tempo, se a avaliação dos técnicos for positiva, é feito o pedido ao Tribunal para que a adoção seja requerida, ficando, assim, legalizada e definitiva a relação de filiação (adoção plena).

Por fim, refira-se que, recentemente, foi publicada a lei que elimina as discriminações no acesso à adoção, apadrinhamento civil e demais relações jurídicas familiares (Lei n.º 2/2016)<sup>2</sup> tendo sido publicada em 2015 a lei que altera o Código Civil e aprova o Regime Jurídico do Processo de Adoção (Lei n.º 143/2015)<sup>3</sup>.

## **1.2 Aspetos Psicológicos da Adoção**

A família adotiva é confrontada com grandes desafios, que a diferenciam da família biológica (e.g., Ferreira, Pires, & Salvaterra, 2004; McGinn, 2007), os quais introduzem uma complexidade acrescida na dinâmica familiar. Um dos aspetos que ilustra esta complexidade prende-se com o modo como a maior parte destas famílias é construída. De facto, na maioria dos casos o casal que recorre à adoção viu-se confrontado com uma situação de infertilidade (Alarcão, 2002; Salvaterra, 2004; Sanchez, 2003), pelo que a adoção não terá constituído a primeira escolha para se tornar mãe/pai. De notar que a notícia da infertilidade gera sofrimento, afeta a auto-estima e força a reorganização do conflito edipiano devido com o reviver do complexo de castração (Alarcão, 2002).

---

<sup>2</sup> Ver Diário da República Série I, Decreto-lei 2/2016 de 29 de Fevereiro

<sup>3</sup> Ver Diário da República Série I, Decreto-lei 143/2015 de 8 de Setembro

Acresce que existe com frequência um estigma associado à adoção, que decorre da pressão social para que haja o nascimento de um filho biológico, o que provoca ansiedade, culpa e mesmo vergonha no casal (Salvaterra, 2004). Para que este possa investir no processo de adoção, e na criança adotada, terá que fazer, primeiro, o luto do filho biológico que não irá ter, bem como da impossibilidade de o gerar (Alarcão, 2002; Sanchez, 2003).

Outra etapa que diferencia a família adotiva da biológica, é a avaliação dos pais enquanto candidatos à adoção. Esta situação constrange o casal a ter que se expor aos vários técnicos, enquanto no caso dos pais biológicos a decisão de ter um filho é algo privado (Salvaterra & Veríssimo, 2008). Os pais adotivos vivem muitas vezes esta fase com uma grande preocupação pelo receio de não cumprirem os requisitos necessários para serem aceites (Palacios, 1998).

Um desafio igualmente específico dos pais adotivos prende-se com o tempo de espera pela chegada da criança. Enquanto os pais biológicos planeiam a transição para a parentalidade com a certeza de que o seu filho ou filha chegará num tempo aproximado de 9 meses, os casais candidatos à adoção não sabem ao certo com o que contar, uma vez que o tempo de espera pode ir de meses a vários anos (e.g., Brodzinsky, Smith, & Brodzinsky, 1998; Salvaterra & Veríssimo, 2008). Com frequência, estes casais têm já, como se referiu, uma história de infertilidade que implicou anos com repetidas tentativas falhadas para gerarem um filho biológico (Brodzinsky et al., 1998). Assim, esta incerteza origina com frequência *stress* (Salvaterra & Veríssimo, 2008), ansiedade, desamparo e depressão, levando a que, por vezes, o casal se questione quanto a se deverá, ou não, ter um filho adotivo (Brodzinsky et al., 1998).

Após a chegada da criança, a formação do sentimento de pertença constitui outra das tarefas das famílias adotivas, a qual é essencial para a aquisição da parentalidade psicológica, na ausência de uma parentalidade biológica (Salvaterra & Veríssimo, 2008). Vários aspetos vão influenciar a formação deste sentimento, nomeadamente as características dos pais e as suas qualidades parentais, as características da criança e a sua história prévia (Salvaterra & Veríssimo, 2008). Em termos legais, os pais podem considerar a criança como sua a partir do momento em que o processo de adoção chega ao fim (Mateus & Relvas, 2002). Este sentimento de posse é muito importante para que consigam ligar-se emocionalmente à criança e integrá-la na família (Mateus & Relvas, 2002). Para que a criança se sinta parte desta família, os pais deverão esforçar-se para lhe

proporcionar um ambiente adequado, de acordo com as suas características próprias e história prévia, de modo a que se sinta acarinhada e segura (Brodzinsky et al., 1998). É essencial para a criança o estabelecimento rápido de uma forte ligação com os pais, por forma a diminuir a insegurança que se foi criando durante o período de vida anterior à adoção (Mateus & Relvas, 2002).

Um outro aspeto demonstrativo da complexidade da família adotiva, prende-se com a história prévia da criança adotada (McGinn, 2007). Esta história diz respeito, por um lado, à família biológica com quem foi interrompida a relação e, por outro lado, à vivência na instituição (ou instituições) em que esteve acolhida. Ambas as experiências têm consequências no funcionamento psicológico e, muitas vezes, complicam a integração e a convivência na família adotiva (Sanchez, 2003).

Alguns autores consideram que, mesmo quando uma criança é adotada nos primeiros tempos de vida, estabelece-se um laço com a mãe biológica, *in útero*, que teria continuidade após o nascimento (e.g., McGinn, 2007), pelo que, quando ocorre uma interrupção neste percurso, a criança desenvolverá, ainda que de forma inconsciente, um sentimento de abandono e perda (Brodzinsky et al., 1998).

Nesta linha, Deeg (2007) propôs um modelo, psicanalítico, que visa compreender o mundo interno da criança adotada com base na representação mental que faz dos seus pais biológicos, pretendendo o autor explicar o modo como ela desenvolverá esta representação mental sem ter tido uma experiência de contacto extrauterina. Para Deeg (2007), na relação com um filho biológico este processo ocorre durante a gravidez, através da resposta do bebé às vocalizações e sons fisiológicos maternos, que irão levar a uma interação e à formação de um laço pré-psicológico entre mãe e feto. Apesar deste laço pré-psicológico não dar origem a uma relação simbiótica, ele precede o vínculo criado entre a criança e os pais biológicos, e acompanha-a até à altura da adoção. Para o autor, a adoção acaba por significar uma perda, uma interrupção deste vínculo, e, neste sentido, um trauma, permanecendo, contudo, uma ligação com o objeto perdido.

Revelar à criança que é adotada, constitui outra das tarefas que diferenciam as famílias adotivas das biológicas e que causa grande ansiedade aos pais adotivos (Brodzinsky et al., 1998; Palacios, 1998). Alguns pais receiam a reação da criança e as consequências emocionais que poderá trazer esta revelação (Brodzinsky et al., 1998). Apesar de haver perspetivas diferentes, alguns autores indicam que se deve começar a abordar o tema o mais cedo possível (ver Zurita & Marti, 2001), preferencialmente entre

os dois e os quatro anos de idade (Palacios, 1998; Zurita & Marti, 2001). Contudo, o desenvolvimento cognitivo da criança neste período não lhe permite compreender o que significa exatamente ser adotada (Brodzinsky et al., 1998; Palacios, 1998; Zurita & Marti, 2001). Ao longo dos anos, o processo de maturação da criança possibilitar-lhe-á uma compreensão diferente da sua condição de filho/a adotivo/a e, por volta da idade escolar, vão surgindo perguntas face às quais os pais devem estar disponíveis para responder (Zurita & Marti, 2001). Nesta altura, a criança irá iniciar o luto relativamente à família biológica e poderão surgir sentimentos ambivalentes para com a adoção (Zurita & Marti, 2001). Na adolescência, devido ao processo normativo de busca da identidade, os jovens procuram, frequentemente, saber mais informações acerca da família de origem e muitos acabam mesmo por a procurar (Brodzinsky et al., 1998; Palacios, 1998; Zurita & Marti, 2001). Contudo, tal não significa que o adolescente passe a ter uma relação menos positiva com a família adotiva (Zurita & Marti, 2001).

Para se fazer a revelação da adoção, é conveniente que se aproveite uma situação espontânea e se adeque a linguagem, a informação facultada e o método utilizado à idade da criança (Zurita & Marti, 2001). É também importante que os pais adotivos assumam uma atitude compreensiva para com os pais biológicos, ajudando a criança a criar e a manter uma ideia positiva dos mesmos (Zurita & Marti, 2001).

As diferenças entre famílias adotivas e famílias biológicas não são reconhecidas da mesma forma por todos os casais. Kirk (1964) refere que existem dois tipos de casais: os que negam por completo estas diferenças, através, por exemplo, da adoção de crianças muito pequenas e com parecências físicas com os próprios, encarando o tema da adoção como se fosse um romance; os que assumem por completo as diferenças e referem-nas publicamente. O autor sugere que a última abordagem conduz a uma melhor adaptação da família à adoção. Contudo, mais tarde, Brodzinsky (1993) conclui que ambos os extremos são prejudiciais a esta adaptação, devendo predominar uma abordagem intermédia.

Numa outra linha, refira-se que, se, por um lado, a adoção é vista pela generalidade das pessoas como uma solução ideal para os problemas de todas as partes envolvidas, isto é, os pais biológicos que não podem ficar com a criança, os pais adotivos que não podem ter um filho biológico e a criança que precisa de um lar e de uma família (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002; Salvaterra & Veríssimo, 2008), por outro lado, também é muitas vezes encarada como um fator de risco psicológico, devido à grande proporção de

crianças adotadas nos serviços de saúde mental (Brodzinsky & Pinderhughes, 2002). De acordo com Brodzinsky et al. (1998), tal representação pode ser explicada pelo facto de os pais adotivos recorrerem mais aos serviços de saúde mental do que os pais biológicos, ou pela tendência dos profissionais para atribuírem mais aspetos negativos e mais problemas a estas crianças, ou ainda pela preocupação dos pais em detetar precocemente dificuldades a nível psicológico.

### **1.3 Vinculação na Adoção**

John Bowlby e Mary Ainsworth abordaram a teoria da vinculação sob uma perspectiva etológica do desenvolvimento da personalidade (e.g., Ainsworth & Bowlby, 1991). Quando nasce, o bebé é dependente da mãe para sobreviver (Ainsworth, 1969), tendo uma pré-disposição inata para o estabelecimento de uma relação de vinculação com a figura cuidadora, através de comportamentos, inicialmente instintivos, tais como chorar, sorrir, balbuciar ou agarrar (Bowlby, 1969). Estes comportamentos, que irão desencadear uma resposta por parte da mãe, vão sendo ativados de uma forma mais orientada com o decorrer do primeiro ano de vida, surgindo, principalmente, quando a criança sente algum tipo de mal-estar como cansaço, dor ou medo (Bowlby, 1988). Assim, a relação de vinculação tem uma função biológica de proteção e sobrevivência (Bowlby, 1988).

Com base na interação com o cuidador, a criança desenvolve os chamados Modelos de Funcionamento Interno, através do processamento cognitivo das respostas da mãe (ou cuidador principal) às suas necessidades (Howe, 2005). Estes Modelos irão permitir à criança criar uma expectativa relativamente à relação e ao modo como ela própria e os outros vão reagir em determinadas circunstâncias (Howe, 2005).

Através do procedimento laboratorial denominado Situação Estranha, Ainsworth e colaboradores (e.g., Ainsworth, Blehar, Waters, & Wall, 1978) definiram padrões comportamentais correspondentes a três estilos de vinculação diferentes: seguro, evitante e ansioso-ambivalente. Neste procedimento a criança é confrontada com um stress cumulativo, passando por duas separações da mãe (numa fica com um estranho e noutra sozinha) e por dois momentos de reencontro. Os autores verificaram que, no estilo seguro, a criança mantém uma relação tranquila com a mãe, procurando proximidade e afeto. Quando a mãe se ausenta, a criança fica perturbada, recorrendo a comportamentos de vinculação como o choro. No estilo inseguro evitante, a criança evita a proximidade e o

contacto com a figura de vinculação, não se mostrando perturbada com a sua ausência. No estilo inseguro ansioso-ambivalente, a criança muda o seu comportamento, procurando, em algumas ocasiões, o contacto com a mãe e evitando-o noutras, para além de que se mostra bastante perturbada com a ausência da mãe e têm muita dificuldade na exploração do ambiente.

Os estilos de vinculação variam, portanto, consoante o tipo de interação estabelecido com a figura cuidadora (Ainsworth et al., 1978). Assim, para que a criança desenvolva um estilo de vinculação seguro, terá que encontrar na mãe as características necessárias para uma base segura. Por outras palavras, a mãe deve ser sensível e responsiva às necessidades da criança, aceitar as suas características, agir de uma forma cooperativa, estando, portanto, psicologicamente disponível para os sinais enviados pela criança e para satisfazer as suas necessidades (Ainsworth et al., 1978). Quando ocorre uma separação prolongada (ou definitiva) entre a criança e a figura cuidadora, ou quando esta não satisfaz as necessidades físicas e psicológicas da criança, desenvolve-se uma “vinculação com angústia”, nas palavras de Bowlby (Bowlby, 1973), ou seja, uma vinculação insegura, já que as crianças interiorizam que não podem confiar naquela figura para a satisfação das suas necessidades.

Mais tarde, Main e Solomon (1990, cit. por Hesse & Main, 2000) identificaram um estilo adicional, o estilo desorganizado, observado nas crianças que mostram comportamentos de desorientação, desorganizados, e até mesmo “conflituosos”, na presença do cuidador. Nestes casos, os comportamentos parentais são muitas vezes contraditórios, sem uma estratégia de vinculação coerente, surgindo confusão e desorientação comportamental (Hesse & Main, 2000).

A vinculação tem sido um tema largamente estudado no âmbito da adoção. Num artigo de revisão de literatura, Román e Palacios (2011) concluíram que a investigação acerca da vinculação na adoção tem assumido, ao longo dos anos, duas tendências, focando uma os modelos internos de vinculação das crianças adotadas e outra as mudanças dos estilos de vinculação das crianças após a adoção.

As experiências vividas na família biológica e em contexto institucional, e a adversidade que daí decorre, podem ter consequências emocionais negativas para a criança, sendo uma delas o estabelecimento de um estilo de vinculação inseguro (Román & Palacios, 2011). Contudo, a família adotiva dá à criança a oportunidade de alterar o seu modelo interno de vinculação, através da continuidade na satisfação das suas

necessidades físicas e emocionais, própria de uma base segura (Román & Palacios, 2011; Salvaterra & Veríssimo, 2008).

Apesar de a maioria das crianças adotadas vir a estabelecer uma ligação emocional positiva com a nova família, algumas apresentam dificuldades devido à sua experiência prévia (Lancaster, 2009), por exemplo, situações de maltrato (físico e psicológico), negligência, abuso sexual e perdas (Lancaster, 2009; Schofield & Beek, 2006). Como se sugeriu antes, as experiências adversas também podem estar associadas à própria instituição (ou instituições) em que a criança esteve acolhida, que promove cuidados facultados por múltiplos cuidadores, e muitas vezes desprovidos de afeto, devido, em parte, ao número elevado de crianças por cuidador (Vorra et al., 2003). Acresce que também é frequente a mudança de instituição, dando, assim, origem a uma história de perdas relativamente a figuras com quem a criança poderá ter estabelecido relações privilegiadas (Sanchez, 2003). Todos estes aspetos são suscetíveis de contribuir para o desenvolvimento, por parte da criança, de expectativas negativas relativamente aos cuidadores (Benavente, Justo, & Veríssimo, 2009; Sanchez, 2003; Schofield & Beek, 2006) e a criação de uma vinculação segura ficará dificultada (Lancaster, 2009).

A investigação mostra que existe um número mais elevado de crianças em acolhimento institucional com estilos de vinculação inseguros, comparativamente com crianças que nunca estiveram acolhidas em instituição nem foram adotadas (Pace, Zavattini, & Tambelli, 2015; Sanchez, 2003; Vorra et al., 2003; Zeanah, Smyke, Koga, & Carlson, 2005). Compete aos pais adotivos garantir uma base segura continuada, para que possa haver uma alteração dos modelos internos de vinculação da criança (Sanchez, 2003). De facto, a investigação aponta para que o comportamento de base segura da família adotiva constitui um fator fundamental para a alteração do estilo de vinculação da criança (Román & Palacios, 2011). Nesta linha, alguns estudos demonstram que as crianças adotadas numa fase mais tardia das suas vidas apresentam, durante os primeiros tempos de integração na família adotiva, um estilo de vinculação inseguro, no entanto, ao longo do tempo vão ocorrendo alterações no seu funcionamento e na relação estabelecida, que passa a ter características próprias de uma vinculação segura (Pace & Zavattini, 2010; Pace, Zavattini, & Alessio, 2010; Pace et al., 2015; Steele et al., 2010).

A idade da criança aquando da adoção tem sido também estudada no âmbito da vinculação. Verifica-se que as crianças adotadas/acolhidas numa idade mais avançada, comparativamente com as adotadas/acolhidas numa idade mais precoce, demonstram

uma maior dificuldade no estabelecimento de uma vinculação segura (Howe, 2001; Julian, 2013; Smyke, Zeanah, Nelson, Fox, & Guthrie, 2010). Van den Dries, Juffer, van Ijzendoorn, e Bakermans-Kranenburg (2008) demonstraram também que, crianças que foram adotadas depois dos 12 meses de idade, comparativamente com crianças criadas junto das suas famílias biológicas, apresentavam mais um estilo de vinculação inseguro, enquanto as crianças adotadas antes dos 12 meses não apresentavam diferenças significativas no estilo de vinculação, tendo, na sua maioria, um estilo seguro. De referir ainda que, as crianças adotadas, tinham mais um estilo desorganizado e que isso era independente da idade.

#### **1.4 Stress Parental na Adoção**

O stress experimentado no desempenho do papel parental foi definido por Deather-Deckard como uma reação psicológica que envolve sentimentos negativos, dirigidos à criança e ao próprio, os quais se encontram diretamente ligados às exigências de se ser mãe/pai (Deater-Deckard, 1998, cit. por Crnic & Low, 2002).

De facto, o exercício da parentalidade é algo bastante complexo, que remete para o cumprimento de várias tarefas, em diversas situações, face a uma criança que tem o seu próprio temperamento, e outros atributos psicológicos (Abidin, 1990), reconhecendo-se que múltiplos fatores, como características da criança, dos pais (incluindo as cognições acerca das suas experiências) e o stress de vida influenciam não só a interação pais-criança como o próprio stress parental (Abidin, 1990, 1995; Crnic & Low, 2002). Contudo, mais do que o contributo destes fatores *per se*, é a sua interação que origina a experiência de stress (Abidin, 1990, 1995).

O stress parental influencia de forma negativa a qualidade da relação pais-criança, uma vez que afeta a capacidade dos pais para responderem sensitivamente às necessidades dos filhos, prejudicando a satisfação parental (Judge, 2003), e pode contribuir para uma parentalidade disfuncional (Abidin, 1990).

Os estudos que focam o stress parental quando a criança é adotada continuam a ser em número reduzido. Num estudo dos anos 90, Mainemer, Gilman, e Ames (1998) analisaram o stress parental em famílias cujos filhos adotivos tinham vivido em orfanatos da Roménia. O instrumento utilizado para a avaliação do stress parental foi o *Parenting Stress Index* (PSI), o mesmo usado no presente estudo (embora neste caso seja a sua

versão reduzida). Os autores encontraram uma associação positiva do stress parental com os problemas de comportamento da criança e com o número de crianças adotadas na família, e associações negativas com a idade da mãe, o estilo de vinculação seguro e o rendimento familiar. As mães e pais das crianças institucionalizadas há mais de 8 meses mostraram níveis mais elevados de stress no Domínio da Criança (que envolve áreas de stress relacionadas com características da criança), comparativamente com mães e pais não adotivos e com mães e pais cujos filhos adotivos viveram menos de quatro meses em instituição, o que leva os autores a concluir que a duração da institucionalização será um fator determinante no que diz respeito ao stress experimentado pelos pais adotivos.

Mais recentemente, refira-se o trabalho de McGlone, Santos, Kazana, Fong, e Mueller (2002), que analisa o stress parental de pais que adotaram crianças com necessidades especiais (através da versão reduzida do PSI), onde se verificou que os pais reportaram níveis de stress mais elevados em subescalas que remetem para a interacção disfuncional pais-criança e para o cuidar de uma criança difícil. Os níveis mais altos de stress associaram-se com mais problemas de comportamento da criança e com pior ajustamento da família.

Judge (2003), por seu turno, desenvolveu um estudo comparativo (também com recurso ao PSI) dirigido para o stress parental de mães e pais adotivos, verificando que estes não referem mais stress parental do que a amostra normativa do PSI. Quando se comparam os resultados de mães e pais, verifica-se que são diferentes as áreas que mais contribuem para o stress parental: o isolamento social e o temperamento da criança no caso dos pais; a depressão associada ao papel parental e o sentimento de competência no desempenho deste papel no caso das mães. Neste estudo, e à semelhança de outros, os problemas de comportamento das crianças são o fator que mais se associa com níveis elevados de stress parental, de ambas as figuras parentais.

Mateus e Relvas (2002), num estudo português, investigaram o stress na parentalidade adotiva, utilizando também o PSI, e verificaram que uma amostra de mães e pais obtém resultados mais elevados no Domínio da Criança do que no Domínio dos Pais. Em termos comparativos, o nível de stress (Total e Domínios) apresentado pela amostra de mães e pais adotivos é significativamente inferior ao reportado pela amostra normativa do instrumento (adaptação portuguesa). Neste estudo, verificou-se ainda que quanto mais nova é a criança aquando da adoção, maior é o nível de stress experimentado pelas figuras parentais.

Viana e Welsh (2010) realizaram um estudo longitudinal, com mães, dirigido para a adoção internacional. Os autores recolheram alguns dados antes da chegada da criança à família e, utilizando o PSI, mediram o grau de stress parental seis meses após o processo de adoção estar concluído. Os resultados principais indicam que variáveis específicas avaliadas antes da adoção, designadamente a presença de sintomas depressivos na mãe, as expectativas negativas acerca do desenvolvimento da criança e dos seus problemas de comportamento e emocionais, e o maior número de crianças na família, associaram-se com elevados níveis de stress parental seis meses após a adoção. Adicionalmente, as mães que, antes da adoção, demonstraram expectativas elevadas relativamente à aceitação da criança e uma perceção de elevado suporte social, apresentaram níveis mais baixos de stress seis meses após a adoção.

### **1.5 Estilo de Vinculação da Criança e Stress Parental**

A relação entre o estilo de vinculação da criança e o stress parental tem sido estudada em famílias biológicas, tanto em amostras clínicas como não-clínicas. Os resultados de vários estudos apontam para que, em ambos os casos, o estilo de vinculação inseguro da criança se associa com níveis mais elevados de stress parental (e.g., Emery, Paquette, & Bigras, 2008; Reda & Hartshorn, 2008; Scher & Mayseless, 2000; Tharner et al., 2012).

Não se acedeu a estudos que analisassem a relação entre as duas variáveis no contexto específico da adoção. Apesar de não incluir famílias adotivas, refira-se um estudo realizado por Gabler et al. (2014), com famílias de acolhimento, que teve como principal objetivo analisar a associação da sensibilidade parental e do stress parental (avaliado com o PSI) com os comportamentos de vinculação da criança. As crianças (com idades entre 1 e 6 anos) tinham entre 9 e 66 meses quando foram colocadas na família. Verificou-se que a maioria das crianças apresentava um estilo de vinculação inseguro, que foi sendo alterado ao longo do tempo para um estilo seguro, verificando-se também que a segurança do estilo de vinculação se encontrava positivamente correlacionada com a sensibilidade parental. Por fim, os resultados apontaram para que a segurança na vinculação das crianças predizia níveis mais baixos de stress parental.

Em síntese, a família de adoção é confrontada com desafios específicos que

contribuem para uma melhor ou pior adaptação à sua condição de família de adoção, e para o desenvolvimento e bem-estar quer da criança, quer do casal. Devido à história prévia da criança, o estabelecimento de um estilo de vinculação seguro, relativamente aos novos pais, poderá estar dificultado. Esta característica é uma das que compromete o bem-estar da família, sendo a vinculação insegura importante para a formação e manutenção de uma boa relação pais-criança. Os desafios inerentes à família adotiva, bem como as características da criança, podem originar grande stress nos pais e prejudicar o exercício do papel parental. Também a escassez de literatura dirigida para o stress parental, e a falta de estudos que foquem a sua relação com a vinculação, no caso específico da adoção, chamam a atenção para a importância de se realizar investigação no âmbito das dimensões consideradas, dando saliência à pertinência do presente estudo.

## **2. Objetivos e Hipóteses**

Foram definidos os seguintes objetivos e hipóteses para este estudo: (1) analisar a perceção parental da vinculação da criança e o stress parental, em função do grupo (Adoção/Biológico) e da figura parental (Mãe/Pai), prevendo-se que haja uma maior representação de vinculação insegura (ansiosa-ambivalente e evitante) no grupo Adoção (H1), que ocorram níveis mais elevados de stress parental neste grupo (pelo menos num dos domínios), face ao grupo Biológico (H2), e diferenças entre os pais e as mães, pelo menos no stress parental (H3); (2) analisar a relação entre a perceção da vinculação da criança e o stress parental no grupo Adoção, esperando-se que a vinculação segura se associe com níveis mais baixos de stress e a vinculação insegura com níveis mais elevados (H4); (3) explorar a relação da perceção da vinculação da criança e do stress parental com variáveis da adoção (idade aquando da integração na família, duração da adoção e apoio técnico recebido), estimando-se que haja uma relação das duas dimensões com variáveis da adoção (H5), de tal forma que a criança ser mais velha aquando da adoção, a menor duração desta e o recurso a apoio técnico, associar-se-ão com níveis mais elevados de vinculação insegura (H5.1) e de stress parental (pelo menos num dos domínios) (H5.2).

### 3. Método

#### 3.1 Participantes

Participaram no estudo 200 indivíduos, 103 mães e pais adotivos (Grupo Adoção), e 97 mães e pais biológicos (Grupo Biológico). A caracterização de ambos os grupos, apresentada a seguir, foi desenvolvida com base na informação recolhida através do Questionário Sociodemográfico preenchido pelos participantes.

##### 3.1.1 Caracterização do Grupo Adoção

###### 3.1.1.1 Pais e Mães

Deste grupo fazem parte, como se referiu, 103 participantes - 40 pais e 63 mães (grupos independentes). A média de idades dos participantes deste grupo é 45.18 anos ( $DP = 5.65$ ), sendo que a idade mínima é 31 anos e a máxima 60 anos. A idade dos pais varia entre os 36 e os 60 anos ( $M = 45.93$ ,  $DP = 6.04$ ) e a idade das mães entre 31 e 56 anos ( $M = 44.71$ ,  $DP = 5.39$ ), não se distinguindo nesta variável [ $t(101) = 1.06$ ,  $p = .292$ ].

Da totalidade dos participantes, 86.4 % são casados ou vivem em união de facto, 4.9% são divorciados e 8.7% são solteiros. A duração da relação de casal até à data da recolha dos dados corresponde a 16.52 anos ( $DP = 6.11$ ; variação entre 3 e 35 anos). Discriminando a informação em função de se ser pai ou mãe, salienta-se que, apesar da maioria dos pais (97.5%) e das mães (79.3%) ser casada ou viver em união de facto, 2.5% dos pais e 6.3% das mães estão numa situação de divórcio e 14.3% das mães são solteiras, não sendo os grupos homogéneos neste varável [teste exato de Fisher = 8.00,  $p = .037$ ]. A duração da relação de casal é, em média, equivalente para mães ( $n = 46$ ) e pais ( $n = 36$ ), respetivamente 16.28 ( $DP = 6.40$ ) e 16.83 anos ( $DP = 5.78$ ), não se distinguindo nesta duração [ $t(80) = .40$ ,  $p = .688$ ]. A grande maioria dos participantes (amostra total) é de etnia caucasiana (98%; 38 pais em 39 – 97.4% e 60 mães em 61 – 98.4%) e tem uma crença religiosa (77%; 26 pais em 38 – 68.4% e 51 mães em 62 – 82.3%), sendo os grupos de pais e de mães homogéneos nesta variável [ $\chi^2(1) = 2.55$ ,  $p = .110$ ].

No Quadro 1 apresentam-se as frequências e percentagens relativas ao nível de escolaridade dos participantes deste grupo.

### Quadro 1

*Nível de Escolaridade – Grupo Adoção (Total, Pais e Mães): Frequências e Percentagens (%)*

Nível de Escolaridade	Frequências (%)		
	Total	Pais	Mães
1º ciclo	3 (2.9)	2 (5)	1 (1.6)
2º ciclo	4 (3.9)	3 (7.5)	1 (1.6)
3º ciclo	11(10.7)	4 (10)	7 (11.1)
Ensino Secundário	20 (19.4)	11 (27.5)	9 (14.3)
Ensino Superior	65 (63.1)	20 (50)	44 (71.5)

*Nota.*  $N_{\text{Total}} = 103$ ,  $n_{\text{Pais}} = 40$ ,  $n_{\text{Mães}} = 63$

Observa-se que a maioria possui um nível de escolaridade superior (63.1%), aplicando-se tal também às mães (71.5%) e a metade dos pais, sendo estes dois grupos homogéneos [teste exato de Fisher = 8.65,  $p = .149$ ].

No Quadro 2 figuram as frequências e percentagens referentes ao nível socioeconómico dos participantes do grupo Adoção.

### Quadro 2

*Nível Socioeconómico - Grupo Adoção (Total, Pais e Mães):– Frequências e Percentagens (%)*

Nível Socioeconómico	Frequências (%)		
	Total	Pais	Mães
Baixo	17 (16.5)	7 (17.5)	10 (15.9)
Médio/Médio Alto	29 (28.2)	17 (42.5)	12 (19)
Alto	57 (55.3)	16 (40)	41 (65.1)

*Nota.*  $N_{\text{Total}} = 103$ ,  $n_{\text{Pais}} = 40$ ,  $n_{\text{Mães}} = 63$

Sobressai que a maioria dos indivíduos pertence a um nível socioeconómico alto (55.3%), tendo as mães uma representação de 65.1% e os pais de 40%, não sendo estes dois grupos homogéneos [ $\chi^2 (2) = 7.60, p = .022$ ].

### 3.1.1.2 Crianças

A média da idade atual das crianças é 8.41 anos ( $DP = 1.83$ ), variando entre um mínimo de 6 anos e um máximo de 12 anos. Relativamente ao sexo, 52% das crianças pertencem ao sexo feminino e 48% ao sexo masculino.

No que se refere à idade da criança aquando da chegada à família<sup>4</sup>, a idade mínima é de 1 mês e a máxima de 8 anos ( $M = 2.59$  anos;  $DP = 2.22$ ). Em média, a duração da adoção<sup>5</sup> é de 6 anos ( $DP = 1.97$ ), sendo o tempo mínimo e máximo de 2 e 12 anos, respetivamente.

Quando questionados se, face a eventuais dificuldades sentidas pela criança, alguma vez recorreram a algum tipo de apoio técnico para a mesma (e.g., apoio escolar, psicológico, psicopedagógico, terapia da fala), 66.7% dos participantes responderam afirmativamente - 58.3% de pais (36 em 40) e 71.9% de mães (41 em 57), sendo os grupos homogéneos [ $\chi^2 (1) = 1.84, p = .175$ ]

## 3.1.2. Caracterização do Grupo Biológico

### 3.1.2.1 Pais e Mães

O grupo Biológico é composto por 97 participantes, 63 mães e 34 pais (grupos independentes), cuja média de idades é 41.14 anos ( $DP = 5.07$ ), variando as idades entre um mínimo de 28 anos e um máximo de 56 anos. A idade dos pais situa-se entre os 28 e os 56 anos ( $M = 42.59, DP = 5.38$ ) e a das mães entre os 29 e os 50 anos ( $M = 40.40, DP = 4.78$ ), distinguindo-se ambos nesta variável [ $t(93) = 2.03, p = .045$ ].

Da totalidade dos participantes, 83.5% são casados ou vivem em união de facto, 11.3% são divorciados e 5.2% são solteiros. A duração média da relação de casal é 12.57 anos ( $DP = 5$ ; variação entre 1 e 24 anos). Considerando os pais e as mães, sobressai que, também neste grupo, a maioria dos pais (82.4%) e das mães (84.1%) são casados ou vivem em união de facto, estando 11.8% dos pais e 11.1% das mães numa situação de

---

<sup>4</sup> Refere-se à idade da criança aquando da pré-adoção

<sup>5</sup> Inclui o período de pré-adoção

divórcio, e sendo 4.8% das mães e 5.9% dos pais solteiros; os grupos são homogêneos nesta variável [teste exato de Fisher = .37,  $p = 1.000$ ]. Mais uma vez, a duração da relação de casal é, em média, equivalente para mães ( $n = 50$ ) e pais ( $n = 27$ ), respectivamente 12.40 ( $DP = 4.92$ ) e 12.89 anos ( $DP = 5.21$ ), não se distinguindo nesta duração [ $t(75) = .41$ ,  $p = .685$ ].

A grande maioria dos participantes da amostra total é de etnia caucasiana (97.9%; 33 pais em 34 – 97.1% e 62 mães em 63 – 98.4%) e tem uma crença religiosa (73.2%; 23 pais em 34 – 67.6% e 48 mães em 63 – 76.2%), sendo os grupos de pais e de mães homogêneos [etnia: teste exato de Fisher = 2.24,  $p = .581$ ; crença religiosa:  $\chi^2(1) = .82$ ,  $p = .472$ ].

No Quadro 3 apresentam-se as frequências e percentagens referentes ao nível de escolaridade do grupo Biológico.

### Quadro 3

*Nível de Escolaridade - Grupo Biológico (Total, Pais e Mães): Frequências e Percentagens (%)*

Nível de Escolaridade	Frequências (%)		
	Total	Pais	Mães
Ensino Secundário	8 (8.2)	4 (11.8)	4 (6.3)
Ensino Superior	89 (91.7)	30 (88.2)	58 (93.7)

*Nota.*  $N_{\text{Total}} = 97$ ,  $n_{\text{Pais}} = 34$ ,  $n_{\text{Mães}} = 63$

Constata-se que, na amostra total, nenhum participante tem um nível de escolaridade inferior ao ensino secundário e 91.7% têm um nível correspondente ao ensino superior (ainda que 11 deles não o tenham concluído); situam-se neste nível de ensino 88.2% dos pais e 93.7% das mães, sendo estes grupos homogêneos [ $\chi^2(2) = 1.2$ ,  $p = .722$ ].

Do Quadro 4 constam as frequências e percentagens respeitantes ao nível socioeconómico.

#### Quadro 4

*Nível Socioeconómico - Grupo Biológico (Total, Pais e Mães): Frequências e Percentagens (%)*

Nível Socioeconómico	Frequências (%)		
	Total	Pais	Mães
Baixo	2 (2.1)	1 (2.9)	1 (1.6)
Médio/ Médio Alto	19 (19.6)	7 (20.6)	12 (19)
Alto	76 (78.4)	26 (76.5)	50 (79.4)

*Nota.*  $N_{\text{Total}} = 97$ ,  $n_{\text{Pais}} = 34$ ,  $n_{\text{Mães}} = 63$

A maioria dos participantes (78.4%) que constituem a amostra pertence a um nível socioeconómico alto; situam-se neste nível 76.5% dos pais e 79.4% das mães, sendo os grupos homogéneos nesta variável [teste exato de Fisher = .61,  $p = 1.000$ ]

#### 3.1.2.2 Crianças

A idade das crianças do grupo Biológico situa-se, tal como no grupo Adoção, entre os 6 e os 12 anos ( $M = 8.42$ ;  $DP = 1.87$ ), sendo a média de idades muito próxima nos dois grupos. Relativamente ao sexo da criança, 54.2% são do sexo feminino e 45.8% do masculino. Quanto aos apoios recebidos pela criança, 25% dos participantes (21 em 84) refere já ter recorrido a algum tipo de apoio técnico para a criança, designadamente 40% dos pais (12 em 30) e 16.7% das mães (9 em 54), não sendo os grupos homogéneos [ $\chi^2(1) = 5.60$ ,  $p = .034$ ].

#### 3.1.3. Comparação dos Grupos Adoção e Biológico

Procedeu-se à comparação dos grupos Adoção e Biológico nas variáveis sociodemográficas, apresentando-se a seguir os resultados respetivos. O participantes de ambos os grupos diferenciam-se na idade [ $t(196) = 5.29$ ,  $p < .001$ ], sendo os participantes do grupo Adoção, em média, mais velhos ( $M = 45.18$ ) do que os do Grupo Biológico ( $M = 41.14$ ). Os dois grupos são homogéneos no estado civil [teste exato de Fisher = 3.66,  $p = .305$ ], mas distinguem-se na duração da relação [ $t(157) = 4.45$ ,  $p <$

.001), sendo esta superior, em média, no grupo Adoção ( $M = 16.52$ ) face ao grupo Biológico ( $M = 12.57$ ). Os grupos são homogêneos relativamente à etnia [teste exato de Fisher = 1.35,  $p = .807$ ] e crença religiosa [ $\chi^2(1) = 381$ ,  $p = .537$ ], mas não o são face ao nível de escolaridade [teste exato de Fisher = 14.44,  $p = .015$ ], tendo o grupo Biológico um número mais elevado de indivíduos com um nível correspondente ao ensino superior e não existindo qualquer participante deste grupo com uma escolaridade inferior ao Ensino Secundário. Os grupos também não são homogêneos no nível socioeconómico [teste exato de Fisher = 17.25,  $p < .001$ ], havendo um número superior de participantes do Grupo Adoção na categoria NSE Baixo e um número superior de participantes do Grupo Biológico na categoria NSE Alto.

Relativamente às crianças, conforme o esperado, não se distinguem na idade [ $t(197) = -.03$ ,  $p = .973$ ], sendo os grupos homogêneos em relação ao sexo [ $\chi^2(1) = .10$ ,  $p = .756$ ], mas não face aos apoios recebidos pela criança [ $\chi^2(1) = 30.77$ ,  $p < .001$ ], já que o recurso a apoio técnico para a criança é significativamente superior no Grupo Adoção.

## **3.2 Instrumentos**

### **3.2.1 Inventário sobre a Vinculação na Infância e na Adolescência**

O Inventário sobre a Vinculação na Infância e na Adolescência (IVIA), desenvolvido por Carvalho, Soares e Baptista (2006), avalia comportamentos e representações da vinculação na infância e adolescência (dos 7 aos 17 anos) a partir das percepções dos próprios sujeitos (versão de auto-avaliação) e dos pais (versão de hetero-avaliação) (Carvalho, 2007). Neste estudo foi usada a versão de hetero-avaliação, preenchida pelas mães e pais adotivos e biológicos.

É composto por 37 itens, com uma escala de resposta de tipo Likert de 5 pontos, assinalando-se a frequência (de 5 - “sempre” a 1 - “nunca”) com que ocorrem certo tipo de comportamentos (Carvalho, 2007). O IVIA faculta resultados para três dimensões da vinculação: segura, ansiosa-ambivalente e evitante. Resultados mais elevados correspondem a uma frequência mais alta de comportamentos e representações da vinculação na dimensão respetiva (Carvalho, 2007). Em termos de consistência interna, os valores para a versão de heteroavaliação são satisfatórios: .72 para a vinculação evitante, .81 para a segura e .82 para a ansiosa-ambivalente. No presente estudo os valores dos coeficientes alfa de Cronbach são próximos destes, e até um pouco superiores para as

duas últimas dimensões: .70 para a vinculação evitante, .87 para a vinculação segura e .85 para a vinculação ansiosa-ambivalente

### **3.2.2 Índice de Stress Parental – Versão Reduzida (ISP-VR)**

O Índice de Stress Parental (ISP) constitui a versão portuguesa (Abidin & Santos, 2003, 2014) do instrumento *Parenting Stress Index* de R. Abidin (PSI; Abidin, 1995). No presente estudo foi utilizada a versão reduzida do instrumento, desenvolvida por Santos (2008, 2011). O *Parenting Stress Index* tem como objetivo avaliar o grau de stress experimentado na díade mãe/pai-criança (Abidin, 1995; Abidin & Santos, 2003, 2014). A versão reduzida, desenvolvida a partir da extensa, inclui 36 itens com uma escala de resposta de tipo Likert de cinco pontos (de “Concordo Completamente” a “Discordo Completamente”). Os itens estão agrupados em três subescalas com o mesmo número de itens (12) - Criança Difícil, Dificuldade Parental e Interação Disfuncional Mãe/Pai – Criança; a soma dos 36 itens permite obter ainda um resultado Total de stress (Abidin, 1995). Quer neste caso quer no caso das subescalas, resultados mais elevados indicam níveis mais altos de stress parental.

A consistência interna da versão reduzida do ISP é satisfatória, obtendo-se, numa amostra cujas crianças-alvo também tinham idade escolar, os seguintes valores para os coeficientes alfa de Cronbach: .71 para a subescala Criança Difícil, .77 para a Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança, .82 para a Dificuldade Parental e .89 para o Total de stress (Santos, 2008). No presente estudo, os valores dos coeficientes alfa de Cronbach são igualmente satisfatórios: .88 para a subescala Criança Difícil, .77 para a Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança, .80 para a Dificuldade Parental e .90 para o Total de stress.

### **3.2.3 Questionário Sociodemográfico**

Os pais e mães adotivos e biológicos responderam a um questionário sociodemográfico, construído no âmbito de um estudo mais alargado em que este se insere, que visava a obtenção de informação referente às figuras parentais (e.g., idade, nível de escolaridade e estado civil) e à criança (e.g., sexo e idade). Este questionário também permitia a recolha de dados relativos à adoção (e.g., duração da adoção e idade da criança à chegada à família).

### 3.3 Procedimento

O presente estudo inscreve-se numa investigação mais alargada, ainda a decorrer, que incide na parentalidade adotiva e é da responsabilidade da Doutoranda Marta Nunes (Doutoramento Interuniversitário em Psicologia Clínica – especialidade de Psicologia da Família e Intervenção Familiar). Neste estudo alargado, os participantes do Grupo Adoção foram obtidos a partir do Instituto de Segurança Social e da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Constituíram critérios de inclusão na investigação: idade atual da criança entre os 6 e os 12 anos, integração na família há pelo menos dois anos, não haver outro processo de integração de uma criança na família a decorrer nem gravidez atual, e residir em Portugal (Continental ou Ilhas). Os participantes recebiam o protocolo de investigação por correio ou via *online*. Deste protocolo fazia parte, para além dos instrumentos da investigação alargada, informação sobre o estudo e sobre as condições de participação (e.g., voluntária e acesso a informação pós-estudo), bem como as respetivas instruções.

Os participantes do Grupo Biológico foram selecionados com base em alguns critérios utilizados para o grupo Adoção – idade da criança entre os 6 e os 12 anos, residir em Portugal (Continental/Ilhas) e não haver uma gravidez atual. A amostra foi selecionada a partir do método bola de neve, podendo o protocolo ser respondido presencialmente ou *online* (sendo este o procedimento mais utilizado neste grupo). Os participantes foram informados que o estudo visava pais e mães de crianças adotadas e biológicas, sendo-lhes facultada informação equivalente à transmitida aos pais e mães adotivos.

### 3.4 Procedimentos Estatísticos

O tratamento estatístico dos dados foi efetuado a partir do *software* informático *SPSS* (versão 22). Realizou-se uma análise descritiva para as variáveis sociodemográficas e da adoção, utilizando-se o cálculo de médias, desvios-padrão, valores mínimos e máximos, ou de frequências e percentagens. Para determinar se os grupos (adoção/biológico ou mães/pais) se distinguem nas variáveis categoriais parentais (e.g., nível socioeconómico, escolaridade, estado civil, religiosidade) ou da criança (e.g., sexo, apoio técnico), utilizou-se o teste Qui-quadrado ( $\chi^2$ ) ou então o teste exato de Fisher quando não se encontravam reunidas as condições necessárias para a utilização do Qui-quadrado. Para comparar dois grupos relativamente a variáveis contínuas (e.g., idade do

participante, idade da criança) utilizou-se o teste paramétrico t de Student. Recorreu-se à ANOVA para analisar a percepção da vinculação da criança e o stress parental em função do grupo e do sexo do participante – com um desenho fatorial 2 (Grupo) x 2 (Figura Parental). Por fim, utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson para analisar a relação linear entre variáveis contínuas (a percepção da vinculação da criança com o stress parental; a percepção da vinculação da criança e o stress parental com variáveis da adoção, nomeadamente a idade da criança e a duração da adoção).

## 4. Resultados

Apresentam-se em seguida os resultados referentes ao presente estudo. Primeiramente descrevem-se as análises relativas quer à percepção da vinculação da criança (Segura, Ansiosa/Ambivalente e Evitante), avaliada com o IVIA, quer ao stress parental (Dificuldade Parental, Interação Disfuncional e Criança Dificil), avaliado com o ISP-VR, em função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe). Em seguida, apresentam-se os resultados relativos à relação entre a percepção da vinculação da criança e o stress parental. Finalmente, expõem-se os resultados que dizem respeito ao estudo correlacional da percepção da vinculação da criança e do stress parental com as variáveis da adoção, especificamente a Idade da Criança à Chegada à Família, a Duração da Adoção e o Recurso a Apoio Técnico (e.g., Apoio Escolar, Psicológico, Psicopedagógico, Terapia da Fala).

### 4.1 Análise da Percepção da Vinculação da Criança e do Stress Parental em Função do Grupo e da Figura Parental

#### 4.1.1 Percepção da Vinculação da Criança

Do Quadro 5 constam os resultados respeitantes à vinculação segura em função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe).

#### Quadro 5

*Vinculação Segura em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA*

Variável	Gl	Quadrados Médios	F	P
Grupo	1	.09	.23	.632
Figura Parental	1	.02	.06	.802
Grupo x Figura Parental	1	.25	.67	.413
Erro	196	.37		

Os valores apresentados indicam que não existe um efeito significativo para nenhuma das variáveis. No Quadro 6 expõem-se os valores das médias e dos desvios-padrão para a vinculação segura (em função do Grupo e da Figura parental), captando-se que, de facto, as médias são muito próximas nos diferentes grupos.

#### Quadro 6

*Vinculação Segura em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios- Padrão*

	Adoção			Biológico			Total		
	M	DP	n	M	DP	n	M	DP	N
Pai	3.91	.54	40	3.88	.63	34	3.90	.58	74
Mãe	3.82	.66	63	3.93	.57	63	3.87	.62	126
Total	3.85	.62	103	3.91	.59	97	3.88	.60	200

No Quadro 7 são representados os resultados para a vinculação ansiosa/ambivalente, em função do Grupo (Adoção/Biológico e da Figura Parental (Pai/Mãe)).

#### Quadro 7

*Vinculação Ansiosa/Ambivalente em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA*

Variável	Gl	Quadrados Médios	F	P
Grupo	1	5.28	15.35	<.001
Figura Parental	1	.78	2.26	.134
Grupo x Figura Parental	1	.27	.80	.374
Erro	196	.34		

A análise do Quadro 7 permite verificar que existe um efeito significativo para a variável Grupo [F (1,196) = 15.35,  $p < .001$ ]. A leitura do Quadro 8 mostra que o grupo

Adoção obtém uma média mais elevada do que o grupo Biológico na vinculação ansiosa/ambivalente [ $G_{\text{Adoção}} - M = 2.19 > G_{\text{Biológico}} - M = 1.84$ ]. Não se obtém um resultado significativo para a variável Figura Parental, sendo as médias das mães e dos pais aproximadas.

### Quadro 8

*Vinculação Ansiosa/Ambivalente em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão*

	Adoção			Biológico			Total		
	M	DP	n	M	DP	n	M	DP	N
Pai	2.06	.56	40	1.80	.57	34	1.94	.58	74
Mãe	2.27	.67	63	1.86	.52	63	2.06	.63	126
Total	2.19	.63	103	1.84	.54	97	2.02	.61	200

Os resultados referentes à vinculação evitante em função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe), são apresentados no Quadro 9.

### Quadro 9

*Vinculação Evitante em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – ANOVA*

Variável	Gl	Quadrados Médios	F	P
Grupo	1	1.24	5.6	.019
Figura Parental	1	.07	.33	.564
Grupo x Figura Parental	1	.10	.44	.510
Erro	196	.22		

Verifica-se, mais uma vez, um efeito significativo para a variável Grupo, [F (1,196) = 5.6,  $p = .019$ ], observando-se no Quadro 10 que a média correspondente à vinculação evitante é superior no Grupo Adoção, comparativamente com o Grupo

Biológico, apesar de ambas serem próximas [ $G_{\text{Adopção}} - M = 2.17 > G_{\text{Biológico}} - M = 1.99$ ]. Não foi encontrado um efeito significativo para a variável Figura Parental.

#### Quadro 10

*Vinculação Evitante em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão*

	Adoção			Biológico			Total		
	M	DP	n	M	DP	n	M	DP	N
Pai	2.16	.54	40	2.04	.50	34	2.11	.52	74
Mãe	2.17	.50	63	1.96	.37	63	2.06	.45	126
Total	2.17	.51	103	1.99	.42	97	2.08	.48	200

#### 4.1.2 Stress Parental

No Quadro 11 figuram os resultados da ANOVA que dizem respeito à análise da subescala Dificuldade Parental em função do grupo (Adoção/Biológico) e da figura parental (Pai/Mãe).

#### Quadro 11

*Dificuldade Parental (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) - ANOVA*

Variável	Gl	Quadrados Médios	F	P
Grupo	1	4.66	.12	.733
Figura Parental	1	101.71	2.55	.112
Grupo x Figura Parental	1	.94	.02	.878
Erro	196	39.85		

Não se evidenciam efeitos significativos para nenhuma das variáveis (Grupo e Figura Parental). No Quadro 12 apresentam-se as médias e desvios-padrão para estas variáveis, salientando-se que, de facto, as médias dos diferentes grupos são aproximadas.

### Quadro 12

*Dificuldade Parental (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão*

	Adoção			Biológico			Total		
	M	DP	N	M	DP	N	M	DP	N
Pai	21.60	5.72	40	22.06	5.50	34	21.81	5.58	74
Mãe	23.22	6.61	63	23.4	6.76	63	23.31	6.66	126
Total	22.59	6.30	103	22.93	6.35	97	22.76	6.31	200

Do Quadro 13 constam os resultados referentes à subescala Interação Disfuncional, em função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe).

### Quadro 13

*Interação Disfuncional (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) - ANOVA*

Variável	Gl	Quadrados Médios	F	P
Grupo	1	90.84	4.60	.033
Figura Parental	1	19.31	.98	.324
Grupo x Figura Parental	1	19.54	.99	.321
Erro	196	19.77		

Obtém-se um efeito significativo para a variável Grupo [ $F(1, 196) = 4.60, p = .033$ ]. A leitura do Quadro 14 mostra que o grupo Adoção obtém uma média mais elevada, comparativamente com o Grupo Biológico [ $G_{\text{Adoção}} - M = 18.25 > G_{\text{Biológico}} - M = 16.66$ ]. Não se obteve novamente um efeito significativo para a Figura Parental.

#### Quadro 14

*Interação Disfuncional (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão*

	Adoção			Biológico			Total		
	M	DP	N	M	DP	n	M	DP	N
Pai	18.25	4.72	40	17.50	4.67	34	17.9	4.68	74
Mãe	18.25	4.73	63	16.21	3.81	63	17.23	4.40	126
Total	18.25	4.70	103	16.66	4.16	97	17.48	4.51	200

No Quadro 15 apresentam-se os resultados para a subescala Criança Difícil, em função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Mãe/Pai).

#### Quadro 15

*Criança Difícil (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) - ANOVA*

Variável	Gl	Quadrados Médios	F	P
Grupo	1	375.88	6.37	.012
Figura Parental	1	96.57	1.64	.202
Grupo x Figura Parental	1	35.05	.59	.442
Erro	196	59.02		

Ocorre um efeito significativo para a variável Grupo (Adoção/Biológico) [ $F(1, 196) = 6.37, p = .012$ ]. O Quadro 16 permite verificar que o valor médio desta subescala é superior no Grupo Adoção, relativamente ao Grupo Biológico [ $G_{\text{Adoção}} - M = 24.21 > G_{\text{Biológico}} - M = 21.20$ ]. Mais uma vez, não há um efeito significativo para a variável Figura Parental .

#### Quadro 16

*Criança Difícil (Stress Parental) em Função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe) – Médias e Desvios-Padrão*

	Adoção			Biológico			Total		
	M	DP	n	M	DP	N	M	DP	N
Pai	22.80	7.71	40	20.82	7.65	34	21.89	7.69	74
Mãe	25.11	8.32	63	21.40	6.99	63	23.25	7.88	126
Total	24.21	8.13	103	21.20	7.19	97	22.75	7.82	200

#### 4.2 Correlação da Perceção da Vinculação da Criança com o Stress Parental

No Quadro 17 apresentam-se os resultados do coeficiente de correlação de Pearson para a relação entre a perceção da vinculação da criança (Segura, Ansiosa/Ambivalente e Evitante) e o stress parental (Dificuldade Parental, Interação Disfuncional e Criança Difícil).

#### Quadro 17

*Relação entre Vinculação e Stress Parental – Coeficiente de Correlação de Pearson*

	Vinculação (IVIA)		
	Segura	Ansiosa/Ambivalente	Evitante
Stress Parental (ISP-VR)			
Dificuldade Parental	-.35***	.35***	.16*
Interação Disfuncional	-.53***	.43***	.33***
Criança Difícil	-.53***	.49***	.29***

\* $p < .05$ , \*\*\* $p < .001$

Constata-se que as três dimensões do stress parental correlacionam-se negativamente com a vinculação Segura, correlacionando-se também, mas de forma positiva, com a vinculação Ansiosa/Ambivalente e Evitante, sendo o nível de significância mais baixo apenas para a correlação entre as dimensões Dificuldade Parental e vinculação Evitante.

### 4.3 Correlação da Perceção da Vinculação da Criança e do Stress Parental com Variáveis da Adoção

#### 4.3.1 Perceção da Vinculação da Criança

No Quadro 18 reportam-se os resultados do coeficiente de correlação de Pearson relativamente às dimensões da vinculação (Segura, Ansiosa/Ambivalente e Evitante) e às variáveis da adoção (Idade da Criança à Chegada à Família, Duração da Adoção e Recurso a Apoio Técnico para a Criança; esta última variável esta categorizada com 1 – “Sim” e 2 – “Não”).

#### Quadro 18

*Relação entre a Vinculação da Criança e as Variáveis da Adoção – Coeficiente de Correlação de Pearson*

	Variáveis da Adoção		
	Idade da Criança à Chegada	Duração da Adoção	Recurso a Apoio Técnico
Vinculação da Criança (IVIA)			
Seguro	-.19 †	-.03	.16*
Ansioso/Ambivalente	.08	.09	-.32***
Evitante	-.03	.01	-.15*

\* $p < .05$ , \*\*\* $p < .001$ , † $p = .064$

Os resultados indicam que a vinculação segura se correlaciona positivamente com o Recurso a Apoio Técnico, correlacionando-se ainda esta última variável negativamente com a vinculação Ansiosa/Ambivalente e a vinculação Evitante. De referir que se obtém

igualmente uma correlação marginalmente significativa (negativa) entre o estilo de vinculação seguro e a Idade da Criança à Chegada à Família.

#### 4.3.2 Stress Parental

No Quadro 19 expõem-se os resultados da correlação (coeficiente de Pearson) para as subescalas do ISP-VR (Dificuldade Parental, Interação Disfuncional Pai/Mãe-Criança e Criança Dificil) e as variáveis da adoção (Idade da Criança à Chegada à Família, Duração da Adoção e Recurso a Apoio Técnico para a criança).

#### Quadro 19

*Relação entre o Stress Parental e as Variáveis da Adoção – Coeficiente de Correlação de Pearson*

	Variáveis da Adoção		
	Idade da Criança à Chegada	Duração da Adoção	Recurso a Apoio Técnico
Stress Parental (ISP-VR)			
Dificuldade Parental	.06	.09	-.02
Interação Disfuncional	.19†	.11	-.27***
Criança Dificil	.03	.10	-.29***

\*\*\* $p < .001$ , † $p = .070$

Constata-se que as subescalas Interação Disfuncional e Criança Dificil correlacionam-se negativamente com a variável da adoção Recurso a Apoio Técnico. A subescala Interação Disfuncional, apresenta, também, uma correlação marginalmente significativa (positiva) com a variável da adoção Idade da Criança à Chegada à Família.

## **5. Discussão**

A discussão dos resultados obtidos, descritos no ponto anterior, é apresentada em seguida, de acordo com a ordem dos objetivos e das hipóteses definidos no ponto 2.

### **5.1 Percepção da Vinculação da Criança e do Stress Parental em Função da Parentalidade Adotiva/Biológica e de se Ser Pai/Mãe**

O primeiro objetivo do estudo visava a análise da percepção parental da vinculação da criança e do stress parental, em função do Grupo (Adoção/Biológico) e da Figura Parental (Pai/Mãe). Começando pela vinculação, os resultados mostraram que, no Grupo Adoção, comparativamente com o grupo Biológico, há uma maior prevalência de vinculação insegura (Ansiosa-Ambivalente e Evitante). Este resultado vai ao encontro da literatura, que tem demonstrado que as crianças adotadas têm mais dificuldade no estabelecimento de um estilo de vinculação seguro (e.g., Román & Palacios, 2011; Sanchez, 2003; Schofield & Beek, 2006). A maior prevalência do estilo de vinculação inseguro pode ser explicada pela experiência prévia das crianças adotadas (e.g., Benavente, Justo, & Veríssimo, 2009; Bowlby, 1973; Lancaster, 2009), que pode advir tanto da vivência em instituição, e das mudanças recorrentes de instituição (Román & Palacios, 2011; Sanchez, 2003), como das experiências na família de origem (e.g., Pace, Zavattini, & Tambelli, 2015; Schofield & Beek, 2006; Vorria et al., 2003), frequentemente relacionadas com negligência e maltrato.

Relativamente ao stress parental, os resultados indicaram que ele é significativamente mais elevado no grupo Adoção, estando associado com características quer da criança (subescala Criança Difícil), quer da interação estabelecida (subescala Interação Disfuncional Mãe/Pai-Criança). Estes resultados não são consonantes com os do estudo de Mateus e Relvas (2002), no qual os pais e mães adotivos reportaram níveis mais baixos de stress, comparativamente com os pais e mães da amostra normativa do PSI. Também contradizem os de Judge (2003), que não encontrou diferenças significativas entre pais e mães adotivos e pais e mães biológicos. No entanto, as diferenças existentes entre a parentalidade adotiva e a biológica podem explicar o resultado obtido, uma vez que os pais adotivos se deparam com dificuldades que não são extensíveis aos pais biológicos (e.g., Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006). No que respeita especificamente às subescalas, e na linha do presente estudo, McGlone et al.

(2002), num estudo que também integrava pais e mães de crianças adotadas, verificaram que o stress parental decorria igualmente de elevações nas subescalas Criança Difícil e Interação Disfuncional. Acrescente-se que, na literatura, compreensivelmente, as características da criança contribuem para o stress parental em diferentes estudos (e.g., Mainemer, Gilman, & Ames 1998; McGlone et al., 2002; Mateus & Relvas, 2002).

As mães e os pais não se distinguiram de forma significativa em termos quer da perceção da vinculação, quer do stress parental. Face à vinculação, embora não se tenham encontrado estudos que comparem a perspectiva de mães e pais adotivos, refira-se que o resultado vai na linha do obtido no estudo de Fox, Kimmerly, e Schofer (2008), em que a vinculação segura/insegura a uma das figuras parentais depende da vinculação segura/insegura à outra figura parental, pelo que os estilos de vinculação à mãe e ao pai eram concordantes. No que respeita ao stress parental, os resultados são também consonantes com alguma literatura relativa quer à adoção (ver Judge, 2003; Palacios & Sánchez-Sandoval, 2006), quer a famílias biológicas (Putnick et al., 2010).

Considerando as hipóteses colocadas (objetivo 1), refira-se que se confirmam as hipóteses que previam uma maior representação de vinculação insegura no grupo Adoção (H1) e níveis mais elevados de stress neste grupo, em pelo menos um dos domínios (H2), não se confirmando, contudo, a hipótese que estimava que ocorressem diferenças entre pais e mães, pelo menos no stress parental (H3).

## **5.2 Relação entre a Perceção da Vinculação da Criança e o Stress Parental**

O segundo objetivo deste estudo visou a relação entre a perceção da vinculação da criança e o stress parental. Os resultados indicaram que níveis mais elevados de stress parental (subescalas Dificuldade Parental, Interação Disfuncional e Criança Difícil) se associaram com mais vinculação insegura (Ansiosa-Ambivalente e Evitante), associando-se os níveis mais baixos de stress com mais vinculação Segura. Estes resultados são concordantes com os de estudos que integram famílias de acolhimento (e.g., Gabler et al., 2014) e famílias biológicas (e.g., Emery, Paquette, & Bigras, 2008; Reda & Hartshorn, 2008; Scher & Mayseless, 2000; Tharner et al., 2012), sugerindo que, no sentido esperado, também no caso da adoção a tendência é idêntica. Este resultado constitui um contributo relevante, já que não foi encontrada literatura que foque esta relação na adoção.

Nesta sequência, a hipótese que previa uma associação da vinculação segura com

níveis mais baixos de stress parental e da vinculação insegura com níveis mais elevados (H4) é confirmada.

### **5.3 Relação da Perceção da Vinculação da Criança e do Stress Parental com Variáveis da Adoção**

O último objetivo do estudo pretendia explorar a relação da perceção da vinculação da criança e do stress parental com variáveis da adoção (Idade da Criança à Chegada à Família, Duração da Adoção e Recurso a Apoio Técnico). Os resultados face à vinculação mostraram que os pais que referem o recurso a apoio técnico percebem a vinculação da criança como mais insegura (Ansiosa/Ambivalente ou Evitante) enquanto os que não recorrem a este apoio classificam mais a vinculação como Segura. Não se encontraram estudos que analisem a relação entre a perceção da vinculação e o recurso a apoio técnico para a criança, contudo, estes resultados podem ser justificados pelo facto de as crianças com um estilo de vinculação inseguro manifestarem mais dificuldades relacionais, e de comportamento, o que poderá levar ao recurso a apoio especializado, até pela dificuldade que as características da criança suscitará nas figuras parentais (em termos do lidar com elas). Futuramente, será pertinente explorar se os resultados serão semelhantes para mães e pais.

Verificou-se ainda uma tendência para uma associação entre a criança ser mais velha aquando da adoção e a perceção de menos vinculação Segura. Este resultado é consonante com a literatura (Howe, 2001; Julian, 2013; Smyke, Zeanah, Nelson, Fox, & Guthrie, 2010; Van den Dries, Juffer, van Ijzendoorn, Bakermans-Kranenburg, 2008). Ele pode ser justificado não só pelo facto de o tempo passado em instituição ser potencialmente maior nas crianças mais velhas, mas também porque nestas crianças a retirada da família biológica poderá ter sido mais tardia e permitir, por isso, uma maior duração do contacto com adversidade ao nível físico e/ou psicológico e aumentar, assim, conforme já foi referido, a probabilidade de se desenvolver uma vinculação insegura, pelo que a adoção numa idade mais precoce será facilitadora do desenvolvimento de uma vinculação segura.

Por último, face ao stress parental verificou-se que os pais que reportam níveis mais elevados de stress parental associados com as características da criança (subescala Criança Difícil) e da interação (subescala Interação Disfuncional) referem o recurso a

Apoio Técnico. Não foram encontrados estudos que analisem a relação do stress parental com esta variável, mas, mais uma vez, é compreensível que aquele tipo de características leve os pais a procurarem uma solução através de apoio prestado por técnicos. Refira-se ainda que a criança ser mais velha aquando da adoção tende a associar-se com mais stress parental decorrente da interação estabelecida (subescala Interação Disfuncional). Este resultado diverge do obtido por Mateus e Relvas (2002), as quais verificaram que quanto mais nova é a criança aquando da adoção maior é o nível de stress parental, mas é consonante com outra literatura no âmbito da adoção, como, por exemplo, o estudo de Palacios e Sánchez-Sandoval (2006), que encontraram níveis mais baixos de stress em pais e mães de crianças que foram adotadas com menos de um ano de idade. Uma das explicações possíveis para o resultado obtido pode estar ligada ao estilo de vinculação inseguro, mais predominante nas crianças mais velhas, e que se verificou ter também um potencial impacto negativo no stress parental neste estudo.

Os resultados obtidos permitiram confirmar apenas em parte as hipóteses H5.1 e H5.2, que previam que a criança ser mais velha aquando da adoção, a menor duração desta e o recurso a apoio técnico se associariam com níveis mais elevados de vinculação insegura (H5.1) e de stress parental (H5.2), já que não ocorreu qualquer associação com a duração da adopção.

Em geral, das seis hipóteses que foram colocadas no âmbito deste estudo, cinco confirmaram-se (ainda que duas apenas parcialmente - H5.1 e H5.2) e uma não se confirmou (H3).

## 6. Conclusão

A adoção é um tema abrangente e complexo que tem sido alvo de investigação diversa. Apesar disso, há ainda lacunas na investigação, procurando o presente estudo dar um contributo para reduzir algumas delas, designadamente ao focar o stress parental, pouco estudado nesta população, e ao explorar a sua relação com a perceção parental sobre a vinculação da criança, que, aparentemente, não tem sido valorizada do ponto de vista empírico. O contributo do estudo para o contexto português também poderá ser meritório, não só pelas suas especificidades, mas também porque a investigação na área da adoção permitirá um melhor entendimento do que se passa neste contexto, e tal poderá ser útil para a própria intervenção.

Apesar de cada família, biológica ou adotiva, ter as suas especificidades, existem muitos desafios inerentes à parentalidade adotiva que recebem a atenção e resposta dos técnicos para que as famílias mantenham um funcionamento saudável e possam satisfazer as necessidades físicas e psicológicas das crianças, contribuindo, assim, para que elas ultrapassem os constrangimentos de um início de vida geralmente conturbado.

A perceção da vinculação e o stress parental, as duas dimensões estudadas, afetam o funcionamento familiar a diversos níveis. No presente estudo foram encontrados resultados interessantes relativamente às famílias adotivas, na sua comparação com as famílias biológicas, captando-se uma maior prevalência de vinculação insegura (ansiosa-ambivalente e evitante) e níveis mais elevados de stress parental associados com características da criança e da interação estabelecida. Estes resultados são sugestivos do tipo de impacto negativo que poderá afetar a família. De notar que não foram encontradas diferenças entre mães e pais em nenhuma das dimensões, sugerindo perspetivas semelhantes no âmbito das dimensões analisadas.

A associação encontrada entre a vinculação insegura (ansiosa-ambivalente e evitante) e o stress parental, já identificada com outras populações, indica que ela é extensível à adoção. Esta informação constitui um contributo relevante do trabalho, uma vez que, como se referiu, a relação entre as duas dimensões carecia de estudo no âmbito da adoção. O resultado poderá ter implicações para a intervenção, na qual se deverá ter em conta o impacto potencial de ambas as dimensões, e a sua influência mútua, com consequências para o exercício da parentalidade e para o funcionamento da criança.

Também sobressaiu que os pais e mães que percecionam uma vinculação insegura

por parte da criança e que experienciam níveis mais elevados de stress parental (associado com características da criança e da interação estabelecida), recorrem mais a apoio técnico para a criança, sugerindo que os pais estarão alerta para a necessidade de apoio e que, aparentemente, têm vindo a poder contar com ele. Verificou-se ainda uma tendência para a maior idade da criança aquando da adoção se associar com a perceção de menos vinculação segura e de mais stress parental, o que reforça a informação decorrente da literatura quanto às maiores dificuldades associadas à adoção “tardia” e aos benefícios para a adaptação da adoção “precoce”.

Este estudo apresenta algumas limitações. Uma delas prende-se com a assimetria na dimensão dos grupos constituídos, tendo alguns também uma dimensão reduzida. Outra limitação prende-se com o facto de os grupos Adoção e Biológico se distinguirem em diversas variáveis sociodemográficas, o que pode condicionar a interpretação de alguns resultados. O facto de não se ter avaliado o estilo de vinculação desorganizado constitui uma limitação adicional. Teria sido igualmente pertinente a inclusão da auto-avaliação da vinculação, a par da hétero-avaliação considerada. Ambas as limitações referidas ao nível da vinculação, constituem, simultaneamente, pistas a considerar em novas investigações.

Para finalizar, refiram-se algumas sugestões adicionais em termos de investigações futuras. Uma delas seria contemplar a duração do acolhimento dado que poderá ter um efeito significativo na vinculação e, conseqüentemente, no stress parental. Numa outra linha, poder-se-ia replicar o estudo com pais e mães de adolescentes adotados, já que esta constitui uma fase do desenvolvimento com diversas especificidades no caso dos adotados. Poderia ser igualmente pertinente a replicação do estudo considerando também a adoção internacional, dadas as suas particularidades. Seria também interessante a realização de uma pesquisa dirigida para pais e mães que foram adotados na infância, no sentido de se tentar compreender se a experiência da adoção teria influência na relação com os filhos, designadamente nas práticas e estilos parentais. Por fim, seria pertinente o desenvolvimento de estudos longitudinais que permitissem compreender as mudanças que ocorrem ao longo do tempo e como se processa a adaptação.

## Referências

- Abidin, R. R. (1990). Introduction to the special issue: The stresses of parenting. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19(4), 298-301.
- Alarcão, M. (2002). Desenvolvimento familiar. In M. Alarcão (Ed.), *(Des)equilíbrios familiares* (pp. 220-228). Coimbra: Quarteto.
- Ainsworth, M. D. S. (1969). Object relations, dependency and attachment: A theoretical review of the infant-mother relationship. *Child Development*, 40, 969-1025.
- Ainsworth, M. D. S., Blehar, M. C., Waters, E. & Wall, S. (1978). *Patterns of attachment: A psychological study of the strange situation*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associations.
- Ainsworth, M. D. S. & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341. doi:10.1037/0003-066X.46.4.333
- Belsky, J., & Fearon, R. M. (2008). Precursors of attachment security. In J. Cassidy & P. R. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: Theory, research and clinical applications* (pp. 295-316). New York: The Guilford Press.
- Benavente, R., Justo, J. M., Veríssimo, M. (2009). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 27(4), 21-31.
- Bowlby, J. (1969). Primórdios do comportamento de apego. In J. Bowlby (Ed.), *Apego e perda: Apego* (vol. 1, pp. 283-314). S. Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969)
- Bowlby, J. (1973). Apego com angústia e algumas condições que o favorecem. In J. Bowlby (Ed.), *Apego e perda: Separação, ansiedade e raiva* (vol. 2, pp. 231-240). (Obra original publicada em 1973)
- Bowlby, J. (1988). Caring for children. In J. Bowlby (Ed.), *A secure base: Parent-child attachment and healthy human development* (pp. 1-20). EUA: Basic Books.
- Brodzinsky, D. M., Smith, D. W., & Brodzinsky, A. B. (1998). Theoretical perspectives on adoption adjustment. In D. M. Brodzinsky, D. W. Smith, & A. B. Brodzinsky (Eds.), *Children's adjustment to adoption. Developmental and clinical issues* (pp.10-20). California: Sage.
- Brodzinsky, D. M., Smith, D.W., & Brodzinsky, A. B. (1998). Adoptive family life cycle. In D. M. Brodzinsky, D. W. Smith, & A. B. Brodzinsky (Eds.), *Children's adjustment to adoption. Developmental and clinical issues* (pp. 21-33). California: Sage.

- Brodzinsky, D.M., Smith, D.W., & Brodzinsky, A.B. (1998). Infant-placed adopted children. In D. M., Brodzinsky, D. W. Smith, & A. B. Brodzinsky (Eds.), *Children's adjustment to adoption: Developmental and clinical issues* (pp. 34-50). California: Sage.
- Brodzinsky, D. M. (1993). Long-term outcomes in adoption. *The Future of Children*, 3(1), 153-166. doi: 10.2307/1602410
- Brodzinsky, D. M., & Pinderhughes, E. E. (2002). Parenting and child development in adoptive families. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (vol. 1, 279-312). New Jersey: Erlbaum Associates.
- Carvalho, M. (2007). *Vinculação, temperamento e processamento de informação: Implicações emocionais e comportamentais no início da adolescência*. (Tese de Doutorado não publicada). Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, Braga.
- Carvalho, M., Soares, I., & Baptista, A. (2006). Inventário sobre a vinculação para a infância e adolescência (IVIA). In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 253-255). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Crnic, K., & Low, C. (2002). Everyday stresses and parenting. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (vol. 5, pp. 243-268). London: Lawrence Erlbaum.
- Deeg, C. (2007). Psychoanalytic understanding and treatment of the adoptee. In R. A. Javier, A. L. Baden, F. A. Biafora, & A. Camacho-Gingerich (Eds.), *Handbook of adoption: Implications for researchers, practitioners and families* (pp. 461-473). New York: The Guilford Press.
- Emery, J., Paquette, D., Bigras, M. (2008) Factors predicting attachment patterns in infants of adolescent mothers. *Journal of Family Studies*, 14, 65-90. doi: 10.5172/jfs.327.14.1.65
- Ferreira, S. A., Pires, A., & Salvaterra, F. (2004). Filho do coração...Adoção e comportamento parental. *Análise Psicológica*, 22(2), 399-411. doi: 10.14417/ap.200
- Fox, N. A., Kimmerly, N. L., & Schafer, N. D. (2008). Attachment to mother/ attachment to father: A meta-analysis. *Child Development*, 62(1), 210-225. doi: 10.1111/j.1467-8624.1991.tb01526.x
- Gabler, S., Bovenschen, I., Lang, K., Zimmermann, J., Nowacki, K., Kliwer, J., & Spangler, G. (2014). Foster children's attachment security and behaviour problems in the first six months of placement: Associations with foster parents' stress and

- sensitivity. *Attachment & Human Development*, 16(5), 479-498. doi:10.1080/14616734.2014.911757
- Hesse, E. & Main, M. (2000). Disorganized infant, child and adult attachment: Collapse in behavioral and attentional strategies. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 48, 1097-1127. doi: 10.1177/00030651000480041101
- Howe, D. (2001). Age at placement, adoption experience and adult adopted people's contact with their adoptive and birth mothers: An attachment perspective. *Attachment and Human Development*, 3(2), 222-237. doi: 10.1080/14616730110058025
- Howe, D. (2005). Patterns of attachment. In D. Howe (Ed.), *Child abuse and neglect: Attachment, development and intervention* (pp. 27-41). New York: Palgrave Macmillan.
- Instituto de Segurança Social (s.d). *Como adotar*. Retirado de <http://www.seg-social.pt> em 5 de Fevereiro de 2016.
- Judge, S. (2003). Determinants of parental stress in families adopting children from Eastern Europe. *Family Relations*, 52(3), 241-248. doi:10.1111/j.1741-3729.2003.00241.x
- Julian, M. M. (2013). Age at adoption from institutional care as a window into the lasting effects of early experiences. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 16, 101-145. doi: 10.1007/s10567-013-0130-6
- Kirk, D. (2005). Coping with role handicap. In H.D. Kirk (Ed.), *Shared fate: A theory of adoption and mental health* (pp. 50-74). New York: The Free Press.
- Lancaster, K. (2009). Bonding and attachment. In K. Lancaster (Ed.), *Keys to parenting an adopted child* (pp. 39-43). New York: Barron's Educational Series.
- Lazarus, R. S., & Folkman, S. (1984). The stress concept in the life sciences. In R. S. Lazarus & S. Folkman, (Eds.), *Stress appraisal and coping* (pp. 1-21). New York: Springer.
- Mainemer, H., Gilman, L., & Ames, E. (1998). Parenting stress in families adopting children from Romanian orphanages. *Journal of Family Issues*, 19(2), 164-180. doi: 10.1177/019251398019002003
- Mateus, G., & Alarcão, M. (2002). Adoção e parentalidade. In A. P. Relvas & M. Alarcão (Eds), *Novas formas de família* (pp. 140-175). Coimbra: Quarteto.
- McGinn, M. F. (2007) Developmental challenges for adoptees across the life cycle. In R. A. Javier, A. L. Baden, F. A. Biafora, & A. Camacho-Gingerich (Eds.), *Handbook of*

- adoption: Implications for researchers, practitioners and families* (pp. 61-76). New York: The Guilford Press.
- McGlone, K., Santos, L., Kazana, L., Fong, R., & Mueller, C. (2002) Psychological stress in adoptive parents of special-needs children. *Child Welfare League of America*, 81(2), 151-171.
- Pace, C. S., Zavattini, G. C., & Tambelli, R. (2015). Does family drawing assess attachment representations of late-adopted children? A preliminary report. *Child and Adolescent Mental Health*, 20(1), 26-33. doi: 10.1111/camh.12042
- Pace, C. S., & Zavattini, G. C. (2010). Adoption and attachment theory: The attachment models of adoptive mothers and the revision of attachment patterns of their late-adopted children. *Child: Care, Health and Development*, 37(1), 82-88. doi: 10.1111/j.1365-2214.2010.01135.x
- Palacios, J. (1998). Familias adoptivas. In López, M. J. & Palacios, J. (Coord.) *Familia y desarrollo humano* (pp. 353-369). Madrid: Alianza Editorial.
- Palacios, J., & Sánchez-Sandoval, Y. (2006). Stress in parents of adopted children. *International Journal of Behavioural Development*, 30(6), 481-487. doi: 10.1177/0165025406071492
- Putnick, D. L., Bornstein, M. H., Hendricks, C., Painter, K. M., Swalsky, J. T. D., & Collins, W. A. (2010). Stability, continuity and similarity of parenting stress in European American mothers and fathers across their child's transition to adolescence. *Parenting: Science and Practice*, 10, 60-77. doi: 10.1080/15295190903014638
- Reda, N. M., & Hartshorne, T. S. (2008) Attachment, bonding and parental stress in charge syndrome. *Mental Health Aspects of Developmental Disabilities*, 11(1), 1-12.
- Román, M., & Palacios, J. (2011). Separación, pérdida y nuevas vinculaciones: El apego en la adopción. *Acción Psicológica*, 8(2), 99-111.
- Salvaterra, F., & Veríssimo, M. (2008). A adoção: O direito e os afetos. Caracterização das famílias adotivas do distrito de Lisboa. *Análise Psicológica*, 26(3) 501-517.
- Sánchez, E. L. (2003). Una aproximación a la adopción desde la teoría del apego. *Informació psicológica*, 82(14), 14-20.
- Santos, S. V. (2008, Outubro). *Forma reduzida do Parenting Stress Index (PSI): Estudo Preliminar*. XIII Conferência Internacional Avaliação Formas e Contextos, Braga.
- Santos, S. V. (Julho, 2011). *Versão Portuguesa do Parenting Stress Index (PSI) – Forma Reduzida: Estudo com uma amostra de mães de crianças com idade inferior a 5 anos*.

- VIII Congresso Iberoamericano de Avaliação/Evaluación Psicológica e XV Conferência Internacional de Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, Lisboa.
- Scher, A., & Mayseless, O. (2000). Mothers of anxious/ambivalent infants: Maternal characteristics and child-care context. *Child Development, 71*(6), 1629-1639. doi: 10.1111/1467-8624.00253
- Schofield, G., & Beek, M. (2006). Attachment theory – Core concepts. In G. Schofield & M. Beek (Eds.) *Attachment handbook for foster care and adoption* (pp. 11-41). London: BAAF.
- Smyke, A. T., Zeanah, C. H., Fox, N. A., Nelson, C. A., & Guthrie, D. (2010). Placement in foster care enhances quality of attachment among young institutionalized children. *Child Development, 81*, 212–223. doi: 10.1111/j.1467-8624.2009.01390.x
- Soares, I. (2009). Vinculação na infância. In I. Soares (Ed.), *Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: Teoria e avaliação* (pp. 49-58). Braga: Psiquilíbrios Edições
- Steele, M., Hodges, J., Kaniuk, J., & Steele, H. (2010). Mental representation and change: Developing attachment relationships in an adoption context. *Psychoanalytic Inquiry, 30*, 25-40. doi: 10.1080/07351690903200135
- Tharner, A., Luijk, M. P., van IJzendoorn, M. H., Bakermans-Kranenburg, M. J., Jaddoe, V. W., Hofman, A.,... Tiemeier, H. (2012). Infant attachment, parenting stress and child emotional and behavioral problems at age 3 years. *Parenting: Science and practice, 12*, 261-281. doi: 10.1080/15295192.2012.709150
- van den Dries, L., Juffer, F., van IJzendoorn, M. H., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2009). Fostering security? A meta-analysis of attachment in adopted children. *Children and Youth Services Review, 31*, 410-421.
- Viana, A. G., & Welsh, J. A. (2010). Correlates and predictors of parenting stress among internationally adopting mothers: A longitudinal investigation. *International Journal of Behavior and Development, 34*, 363-373. doi: 10.1177/0165025409339403
- Vorria, P., Papaligoura, Z., Dunn, J., van IJzendoorn, M. H., Steele, H., Kontopoulou, A., & Sarafidou, Y. (2003). Early experiences and attachment relationships of Greek infants raised in residential group care. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 44*(8), 1208-1220. doi: 10.1111/1469-7610.00202
- Zeanah, C. H., Smyke, A. T., Koga, S. F., & Carlson, E. (2005). Attachment and institutionalized and community children in Romania. *Child Development, 76*(5), 1015-1028. doi: 10.1111/j.1467-8624.2005.00894.x

Zurita, J. F., & Marti, P. A. (2005). Teoría y práctica de la adopción. In J. P. Ochotorena & M. I. Madariaga, (Eds.), *Manual de protección infantil* (pp. 471-518). Barcelona: Masson.